

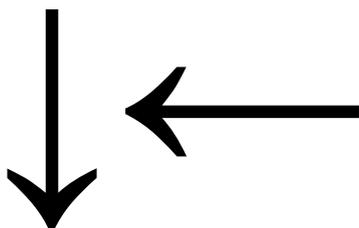


A REVOLUÇÃO PELO ÓCIO

Lições poético-filosóficas para o século XXI

Vanderlei Barbosa
Dalva de Souza Lobo

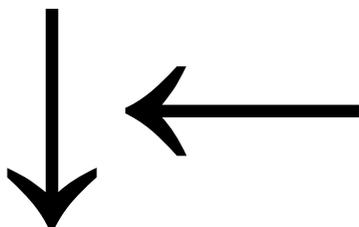
A REVOLUÇÃO PELO ÓCIO



Lições poético-filosóficas para o século XXI

Vanderlei Barbosa
Dalva de Souza Lobo

A REVOLUÇÃO PELO ÓCIO



Lições poético-filosóficas para o século XXI

Copyright © Autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

Vanderlei Barbosa; Dalva de Souza Lobo

A revolução pelo ócio: lições poético-filosóficas para o século XXI. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 98p.

**ISBN 978-65-87645-34-6 [Impresso]
978-65-87645-84-1 [Digital]**

1. Revolução pelo ócio. 2. Lições poético-filosóficas. 3. Lições de esperança. 4. Autores. I. Título.

CDD – 170

Capa: Felipe Roberto | Argila Design

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Melo (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2020

A vida é sempre urgência

Albert Camus

Agradecimento

Nossa reflexão sobre *A revolução pelo ócio: lições poético-filosóficas para o século XXI*, deve muito àqueles que nos ajudaram a concluir o livro com sugestões e contribuições valiosas.

Gratidão especial ao amigo e companheiro de longa data, Luiz Roberto Gomes, que leu os originais e contribuiu com a erudita vigésima quinta lição que trata da *Experiência Estética* da elaboração artística. Lição que contém a música *Esperançar*, fruto de nossa parceria na composição. Uma experiência indescritível.

Ao Carlos Betlinski, amigo e companheiro que também leu os originais e elaborou o prefácio do livro, dando consistência à nossa escrita e aproximando-a, de forma generosa, a escrita de autores consagrados.

À Margarida Montejano, amiga inestimável, cuja parceria em projetos tem sido uma constante. No posfácio, Margarida derramou sobre nosso texto vivacidade e paixão poética.

Sumário

Prefácio	11
Quarentena poética	17
Apresentação do cenário	19
Nota de Advertência	25
Lição 1: Visão holística	29
Lição 2: O valor do ócio e da fruição	31
Lição 3: O princípio ético da cooperação	33
Lição 4: A humanização da vida	35
Lição 5: A era planetária	37
Lição 6: Percamos tempo	39
Lição 7: Esperança, haverá primavera.	41
Lição 8: Voltar p'ra casa	43
Lição 9: A poesia nos salvará	45
Lição 10: Corona destronada	47
Lição 11: O valor da espiritualidade	49
Lição 12: A revolução pelo ócio	51
Lição 13: Ser simples	55
Lição 14: A comunhão de sonhos	57
Lição 15: Sobre o amanhã	61
Lição 16: Aliança cósmica	63
Lição 17: Ah (deus) tecnologia!	65
Lição 18: A interioridade do nada	67
Lição 19: Cale-se!	69
Lição 20: Terra	71
Lição 21: Ao fim e ao cabo, Gratidão!	73
Lição 22: Mudança de época	75
Lição 23: Do apocalipse ao gênese	77
Lição 24: Memória	79
Lição 25: Esperançar “a experiência estética de uma canção”	81
Considerações finais: Outras lições? Talvez	91
Posfácio	95

Prefácio

Os poetas e os artistas, de modo geral, se expressam numa linguagem capaz de falar dos mais recônditos sentimentos, de percepções do mundo em que vivem ou dos grandes dramas da humanidade. Captar as efemeridades, ser tocados pelo mais simples evento do cotidiano, expressar as angústias e alegrias, enfim, traduzir aquilo que é mais profundamente humano em forma de poemas é privilégio dos seres de espírito mais elevado e criativo.

Ao ser convidado para fazer o prefácio do livro “Lições poético-filosóficas...” me senti desafiado a pensar e escrever sobre alguns elementos que pudessem expressar minimamente as características da forma de sua construção, os fundamentos e valores seguidos para abordar os temas e conteúdos, além de procurar ressaltar algumas qualidades dos autores deste livro. Procurei apoio em minha intuição e na grata experiência de conviver muito próximo a eles, e busquei identificar algumas preocupações e sentimentos que pudessem expressar as motivações pelas quais se dedicaram à criação dos poemas/lições filosóficas. É o que faço a seguir.

Neste livro que os autores tornam público, o leitor poderá sentir que a cadência e a composição da prosa e dos versos se expressam na simplicidade profunda do texto e, somente as almas mais sensíveis serão capazes de decifrar o conteúdo anunciado. O devir poético-filosófico pode se traduzir num estilo de vida, que para muito além das aflições que perturbam a alma dos poetas, é marcado pelo prazer de viver e por uma boa dose de angústia. Um viver sempre inacabado, uma permanente busca por algo

que possa fazer sentido, que traga algum alento ao espírito, mesmo que em forma de poesia.

A relação dos poetas com o tempo e as lições filosóficas criadas segue o relógio existencial num tic tac marcado pelo trágico da pandemia e pelo isolamento social que alterou o cotidiano de trabalho, as relações sociais e, principalmente, a perspectiva de futuro, ainda guiada pelo tempo cronológico, pela linearidade e pela ideia de progresso. Entretanto, numa espécie de choque, ou de um tirar o trem da história dos trilhos, vivemos num tempo de medo e de pavor em relação às condições de vida e do futuro. Poderíamos dizer também que vivemos em tempo de ruptura, um tempo de estranhamento. Numa aproximação com o pensamento de Walter Benjamin poderíamos dizer do “tempo-do-agora” (Jetztzeit), momento histórico oportuno em que o fenômeno recém-descoberto ainda está por ser entendido e desvelado. E o tempo presente exige que olhemos o passado e nos perguntemos que forças e estruturas sociais fizeram com que chegássemos à situação econômica, política e cultural na qual nos encontramos hoje? Perguntamo-nos se a interrupção do tempo e das atividades econômicas e sociais, embora não provocados pela vontade humana, será capaz de nos redimir com a história e produzir um novo sentido para a vida em sociedade?

Embora a presentidade seja marcada por esses eventos do tempo presente e pela exigência de revermos nosso destino social, ela também é profundamente instituída pela restituição das memórias e experiências realizadas. O entrecruzamento entre passado, presente e uma expectativa de futuro incentiva a permanente busca por saídas, talvez ilusões que possam afagar a vida. É fato que temos a possibilidade de transvalorização de valores,

de fortalecimento do espírito e de mobilização de forças para valorizar a vida, para termos mais vida.

Nietzsche já anunciou a saga existencial marcada pelo fundamento trágico – “a vida só se justifica como obra de arte”. Tipos humanos fortes possuem espíritos marcados pela leveza, pelo movimento e pela superação das adversidades, e temos como principal analogia desses “seres”, o “devir criança” em uma passagem do “Assim falou Zaratustra”. Suas marcas são a criatividade, o brincar, a dança, o não guardar ressentimentos – fazendo das agruras, da dor e do sofrimento um poema, uma lição aprendida! Inventar novos modos de ser e de viver, isso é possível? Para esse pensador, o trágico não é apaziguado pela catarse, mas, pela criação, pela transformação de um sentimento em uma experiência que nos leva a outro sentir, fortalecido, uma espécie de tônico para o espírito.

Tenho certeza de que as lições não brotaram de devaneios ou de qualquer inspiração distante do mundo social em que vivem, mas foram cavadas na trágica realidade enfrentada por todos nós, e por amor ao ofício de educadores que são (ótimos educadores por sinal, conforme atestam seus alunos), preocupados em ensinar/aprender inspirados nas necessidades humanas e nos desafios que se colocam a todos.

Outra certeza que me ocorreu é que há uma dose significativa de afetos (amorosidade freireana) e de preocupações com os estudantes. E aqui o ato de criação das lições está dialeticamente implicado na cumplicidade entre o ensinar e o aprender, processos inseparáveis e marcados pela experiência da criação e produção do conhecimento mediado pela realidade e que a partir de agora socializarão. As lições produzidas são frutos do trabalho do exercício do pensamento, da criação artística/intelectual de quem fala por meio da poesia e das lições. Os conteúdos são apropriados para o momento em

que toda a humanidade parou diante de uma pandemia assustadora. Quais são especificamente esses conteúdos que os educadores Vanderlei Barbosa e Dalva de Souza Lobo apresentam? A quem se destinam essas lições?

O conteúdo apresentado percorre por clássicos da filosofia, da literatura e da poética, transitando por caminhos da teologia e, principalmente, pela experiência existencial dos autores. Minha impressão é que a simplicidade e profundidade, aparentemente contraditórias com que escrevem, exigirão do leitor duas atitudes: a primeira, uma leitura calma e o gosto apurado para apreciar os textos, e a segunda exigência é a sensibilidade da recepção para interpretar os poemas/lições com o olhar simultâneo e atento no texto e na realidade vivida.

São temas que tratam da existência humana marcada por este momento trágico, são pensamentos provocativos, não possuem pretensão de verdade e são marcados por valores estéticos, éticos, políticos e espirituais que se entrecruzam na vida social e nas subjetividades. São retalhos de nossa sociedade global, aforismos e fotografias sabiamente capturadas pelo olho sensível de quem os escreveu. Essas imagens constituem um Mosaico e segue a forma estética da composição que requer do leitor o esforço de associação entre os temas e discursos apresentados.

São metáforas para expressar de modo lúdico o conteúdo aludido. Arriscaria em dizer que o estilo da produção hora apresentada se aproxima da ordem da alegoria benjaminiana, pois recolhem fragmentos, experiências subjetivas, imagens da vida coletiva, comportamentos humanos e práticas sociais em decadência, para em perspectiva, anunciar a destruição de certos comportamentos ou mesmo de formas de pensamento que nos trouxeram até aqui e, que a partir de

agora, necessitam ser reconfigurados para que possamos pensar e construir outro estilo de vida. As lições anunciam a necessidade de um novo tipo humano para um novo mundo que se anuncia, ou, no mínimo, de contestar o estilo de vida e de organização social segundo o qual vínhamos seguindo.

Desejo uma frutífera leitura e que todos possamos entrar em sintonia com a proposta dos autores expressas em suas lições e no convite para que nos dediquemos ao ócio, à poesia e ao pensamento filosófico.

Carlos Betlinski

Quarentena poética

Quaresma cristã

[Jejum, esmola, oração

Quarentena secular

[Álcool em gel, água, sabão

Quarenta anos de deserto

[Caminho, sol, solidão

Tempo de isolamento,

tempo de silêncio,

tempo de conversão.

Abaixo a bolsa de anti-valores,

o vil metal,

a especulação

Pare tudo:

voos, festas, aulas, fronteiras, celebrações

[Tudo é menor, pode esperar

Só a vida não para

[é sempre DOM

Casa comum

Causa comum

Comum a lição

Ah! Que saudade

De abraços, de beijos, de um simples aperto de mão!

[Vai passar, tudo passa...

Em breve será Páscoa,

Vida nova,

Ressurreição.

Apresentação do cenário

Enquanto os habitantes dos países tropicais curtiam as férias de verão, no final de 2019, o noticiário internacional exibia um vírus na cidade de Wuhan, na China.

Notícia longínqua, afinal do outro lado do mundo. Mas no dia 31 de dezembro a Organização Mundial da Saúde emitiu o primeiro alerta de que se tratava de uma epidemia alarmante.

De fato, o que era do outro lado do mundo, de repente estava do nosso lado. A propagação do coronavírus, em ritmo acelerado, em poucos dias se entendeu ao mundo em forma de pandemia.

O epicentro ocorreu primeiro na China, depois foi para a Itália; na sequência foi para a Espanha, Estados Unidos e imediatamente alastrou-se pelo mundo todo.

Os futurólogos também estavam de férias e, preocupados com o mundo das celebridades, não atinaram para os abalos que, literalmente, parariam o mundo.

É verdade que alguns magos do oriente e do ocidente vêm, há muito tempo, vaticinando abismos, aquecimentos, extinções, desertificações ambientais e humanas, mas os adoradores do bezerro de ouro¹, na

¹ O bezerro de ouro é a narrativa do livro do Êxodo que mostra que enquanto Moisés, o condutor de povos, estava em “quarentena” na montanha, o povo que ele conduzia rumo à terra prometida, se desviou e construiu a estátua de um bezerro de ouro para adorar, transformando Javé, o Deus libertador, em ídolo. As tábuas da aliança que Moisés traz do Monte Sinai, é um convite a deixar tudo que é supérfluo e pode levar a idolatria e a retomar o caminho da liberdade.

velocidade de um mundo que não parava, não haviam dado ouvidos às profecias.

Agora o planeta quietou. Então podemos ver a profunda interdependência orgânica que existe entre todas as coisas e repensar nossas práticas de vida à luz da ternura franciscana.

A face luminosa da globalização – científica, tecnológica, midiática, virtual – mostrou também sua face sombria – desventura, exclusão, carência, omissão. A realidade nua invoca a necessidade de uma globalização de outro tipo. Tipo humano, puramente humano. Detalhe: para todos.

É difícil sequer imaginar o que ocorreu. Mas o fato é que estamos em quarentena, cercados de medo, tremor e espanto. Condições oportunas à filosofia e à poesia, porque é, também, momento de esperar.

É nesse cenário que procuro cair no sono e repousar, mas a noite é difusa e abissal. Como sentinela esperando a aurora experimento um misto de vigilância e descanso.

Às quatro horas da manhã (18 de março de 2020), acordo com o poema *Quarentena* completo. Poesia é assim, não escolhe dia, nem horário, ela acontece e pronto, é manifestação. Obediente à diva, levantei-me e fui colocá-la no papel antes que fosse embora com os sonhos ou os pesadelos da noite.

No dia seguinte compartilhei com algumas pessoas queridas minha revelação onírica, elas acharam uma beleza e eu acreditei. Ai de quem não acredita na manifestação poética!

Mande para o amigo Luiz Roberto Gomes, que me respondeu: “*Nada melhor do que enfrentar a crise global com uma bela e instigante poesia*”. Eu acreditei de novo.

Entusiasmado enviei para outras estimadas pessoas: Andrea Díaz, de Tandil, na Argentina, retornou-me: “*Muchas gracias, tu poema, que nos invita a pensar*”

solidariamente nuestro estar en el mundo”. Eu acreditei outra vez.

Margarita Sgró, também de Tandil deu-me uma resposta generosa: *“Qué hermosa reflexión. Nos ayuda a pensar cuánto dependemos unos de otros, cuánto el día a día, las urgencias, lo que aparentemente no puede posponerse, puede efectivamente suspenderse porque no depende de la voluntad individual. Pocas veces como en estos días escuchamos la palabra publica autorizada, hablar de responsabilidad colectiva, solidaridad social, bien general por encima del individual, comunidad... en fin, como tú dices es una excelente oportunidad de conversión individual y social”*. Eu acreditei do mesmo modo é claro.

Larissa Lara, de forma breve indicou a expressão sensível. Eu acreditei na expressão.

Armindo Longhi, do interior do interior, se manifestou um pouco cético, mas disse que a *“Esperança também é um dos elementos que está em falta no mundo”*. Eu acreditei na falta.

Eldon Mulh, do sul do país discorreu a propósito de suas inquietações e pontuou: *“Talvez isso sirva para repensarmos sobre o que efetivamente valha”*. Eu acreditei no “valha”.

Marcos Nobre, em poucas palavras agradeceu-me e ofereceu uma lúcida análise de conjuntura: *“obrigado por sua mensagem, por esse momento de carinho e conforto, por nos colocar novamente em contato em meio a tanta angústia e temor. Que fiquemos todos bem, que façamos nosso máximo para ajudar a quem pudermos. Para quem não está aqui: em São Paulo, a quarentena começa em dois dias. A situação no país é de total falta de coordenação por parte do governo federal, nossas esperanças estão nos esforços da sociedade e suas organizações espontâneas”*. Eu acreditei nos esforços.

Pedro Goergen, estimado mestre, por alguma razão não recebeu o poema (coisas da tecnologia), mas entrou no diálogo salientando a sobrecarga de trabalho – aulas, orientações, bancas, palestras, publicações, reuniões de conselho editorial, pareceres, reuniões de colegiado, questões caseiras –, que demanda uma postura quase que onisciente. Acreditei... e desejei ócio.

Foi assim que tudo começou. Empolgado, convidei a amiga Dalva Lobo para, a quatro mãos, escrevermos de forma fluente e, dentro do possível, poética, sobre as lições que poderíamos tirar desta situação inusitada que a humanidade está vivendo. Não podemos perder a oportunidade de aprender a lição que sabemos de cor.

Este livro é um mosaico de pequenos ensaios de urgências. É mister juntar os cacos porque não podemos perder o tempo da crise que, na verdade, é uma imensa oportunidade de reinventar a vida.

O encontro da tradição monástico-religiosa do autor e dos traços místico-orientais da autora, permeados pela poesia e pelo diálogo com poetas, filósofos, teólogos e outros personagens, foram as bases desta reflexão sobre a necessidade de organizar a vida a partir dela mesma e de suas inusitadas descobertas.

A interioridade e a comunhão com a natureza serão a única chance de continuarmos por aqui, pois somos dispensáveis. É do medo, do tremor ou, na linguagem dos gregos, do espanto², que nasce a filosofia. Portanto, o tempo que estamos vivendo é oportuno para a reflexão poético-filosófica.

² A atitude de espanto, segundo os filósofos gregos, leva-nos ao filosofar quando permite o sentido crítico e problematizador da pergunta filosófica, que por sua vez conduz a formação da consciência ao permitir o reconhecimento do outro como outro.

A radicalização do isolamento social revelou o verdadeiro distanciamento do rebanho que já estava reinando sem que ninguém se desse conta. A radicalização virtual revelou a verdadeira carência do real contato humano, a importância da comunidade e do convívio social.

Nossa tese é muito simples, mas decisiva: não podemos continuar no caminho que seguimos até agora. É imperativo mudar.

Nota de Advertência

Com o fechamento da universidade, seguindo as orientações das autoridades sanitárias, a proposta para a travessia deste tempo foi a de realizarmos o trabalho remoto a partir de nossas casas, usando os meios eletrônicos.

Ao elaborar o plano de trabalho uma questão instigou-nos: o que significa isso? E a resposta tornou-se clara: esses escritos não nascem de uma intencionalidade teórico-metodológica deliberada, com o escopo de orientar nossas atividades acadêmicas como docentes de Filosofia e de Literatura, respectivamente – atividades acadêmicas que envolvem o clássico processo de ensino, pesquisa, extensão, afora os compromissos administrativos em Comissões, Conselhos e Colegiados, entre outros – , mas nasce de uma situação inusitada, provocada por uma circunstância dramática imposta em decorrência da pandemia que varre o mundo em todos os continentes, obrigando a humanidade a rever seus caminhos, suas práticas, suas lógicas produtivas e suas referências de comportamentos.

Assim como os planos, esses escritos são gerados no berço do inusitado e do infausto. Nascem com a força da esperança.

Deste modo, nos move um misto de sentimentos contraditórios fluando entre o plano e os escritos. De um lado, obviamente apreensivos com os cuidados com nossos filhos, familiares e amigos, pois todos estamos sob a ameaça de um vírus que pode deixar marcas indeléveis na humanidade; de outro lado, uma certa esperança de que esta pandemia possa deixar **algumas importantes lições para toda a humanidade em termos éticos,**

estéticos e ecológicos sintetizadas no princípio-comum que vai além de uma visão reducionista e pragmática que estava colocada como única alternativa ao planeta, fundada na economia neoliberal que proclamava que todas as virtudes do mundo estavam na iniciativa privada – paradigma do mercado – e que todos os vícios do mundo estavam na esfera pública – paradigma político.

Passado o espanto inicial com o árido cenário, que mesmo já existente, atingiu seu ápice em março de 2020, com a chegada do Covid19, nos perguntamos: Que lições vamos aprender deste drama humanitário?

Imbuídos pela fé na humanidade e pela esperança trazida pela arte poética arriscamos algumas lições com a firme esperança de que o mínimo de racionalidade cordial que ainda resta possa suplantar a racionalidade, puramente, instrumental que se arvorou o lugar de Deus, mas se esqueceu de seu calcanhar de Aquiles³ e a racionalidade econômica que se arvorou como a única alternativa, mas se esqueceu de higienizar sua mão invisível⁴.

Portanto, esses escritos não nascem da intenção teórico-metodológica que culminou em plano de trabalho remoto porque já na origem eles se revestem do inusitado e daquilo que não está assegurado. Ousamos dizer que eles nascem do desejo de **aprender a re-aprender**, dando

³ Na mitologia grega Aquiles era um jovem guerreiro que sua mãe ao lançá-lo na água desejava torná-lo imortal, mas o único ponto onde sua mãe o segurou não foi molhado e tornou seu ponto frágil. Popularmente o significado desta expressão passou a ser o ponto fraco ou vulnerável de alguém diante de uma determinada situação.

⁴ Essa expressão foi cunhada pelo economista Adam Smith e tornou-se símbolo da lógica econômica do livre mercado que na sua dinâmica, sem a intervenção do estado, geraria o equilíbrio na distribuição das riquezas. Só que não ocorreu.

voz à esperança e aos sonhos de que não voltaremos a ser os mesmos após a pandemia.

Utopias? Devaneios? Quem sabe? Talvez seja de utopias e devaneios que, enfim, a humanidade se fez. E assim esperamos que continue a ser nosso horizonte utópico: poético, humano e solar.

Lição 1

Visão holística

A primeira lição importante a aprender é superar a visão reducionista, economicista e dualista. É preciso olhar para os fatos e acontecimentos que delineiam a existência humana numa perspectiva holisticamente integradora, pois somos um só planeta, uma só casa comum, como vive gritando no deserto o Papa Francisco⁵ para uma multidão, até então, indiferente.

De repente, acordamos da letargia e tomamos um choque de humanidade: somos da mesma espécie *homo sapiens sapiens* e nos demos conta de que é preciso refazer o percurso a partir do deserto (isolamento social) e perceber como estávamos em caminhos largos, como cegos guiados por cegos, rumo ao abismo da demência e da autodestruição.

Ou seja, a iniciativa privada, as grandes corporações empresariais, as lógicas produtivistas que elas manejam são forças dinâmicas da sociedade e têm seu devido lugar, mas não podem arvorar-se na arrogância de que são o único caminho. Aliás, elas só se justificam se for para trazer bem-estar e enriquecer a vida das pessoas e cumprirem sua função social. Deixando claro: o que deve manter e justificar a existência empreendedora é a lógica

⁵ A Encíclica *Laudato Si* sobre o cuidado da casa comum do Papa Francisco, é um dos escritos mais lúcidos do nosso tempo, onde apresenta um olhar inquieto, um olhar esperançoso e um olhar universal sobre a Terra. Deveria ser lida por todas as pessoas que desejam uma nova civilização a partir da ecologia integral. É um escrito que aponta para um novo paradigma.

produtiva a serviço de todos e não a lógica especulativa e exploratória para alguns.

A esfera pública, entendida aqui no sentido habermasiano⁶, em momentos de infortúnios, demonstra ser uma das melhores invenções humanas, capaz de coordenar ações sinérgicas em defesa dos interesses coletivos que, segundo a visão aristotélica, devem estar acima de interesses individuais e egoístas.

Em situações de vida ou morte, ninguém pode enfrentar sozinho os infortúnios, são as ações e instituições coletivas as forças capazes de salvar nossa frágil humanidade. Diante de um perigo iminente somos convidados a nos desfazer de toda ilusão cínica que ostentamos - super-homens e supermulheres.

Apesar das louváveis e inegáveis conquistas tecnológicas, das invenções extraordinárias e da inteligência artificial, é bom lembrar que não somos senhores do céu e da terra, mas continuamos frágeis pigmeus necessitados de cuidados e amorosidade.

Portanto, o paradigma econômico e o paradigma político não podem ser colocados em campos opostos, pois são bases que devem harmoniosamente sustentar as condições fundamentais da vida que se alimenta de comida, de bebida e de beleza e que só se realiza na complexa trama dos desafios de toda ordem a partir de uma ética do cuidado. Aqui entra a arte do diálogo e do entendimento pautada num mínimo de racionalidade cordial aberta a todos os seres.

⁶ O conceito de esfera pública para Jürgen Habermas envolve mais do que a presença do Estado. É uma atitude que implica toda ação comunicativa que visa o consenso em suas dimensões ética, política e cultural entre os sujeitos de fala em busca de assegurar a democracia e o direito, isto é, o bem-comum da coletividade.

Lição 2

O valor do ócio e da fruição

A segunda lição que podemos aprender é que a vida pode e deve ser organizada de outro modo. Que a dimensão ociosa não pode ser vista sob a ótica da utilidade econômica para a qual tempo é dinheiro, logo, não se pode perder tempo. Ao contrário, a dimensão ociosa deve ser vista sob a ótica da ludicidade, onde o tempo é dádiva que faz a vida ganhar alegria, prazer, poesia e sentido.

Neste fruir, perder tempo é ganhar vida. Mas se for para impregnar de sentido, alegria e poesia a vida, quem não estaria disposto a perder todo tempo do mundo por essas causas? Diante desta questão o enigmático provérbio do fascinante galileu – “perder a vida para ganhá-la” – revela todo o seu significado.

Esse lado arte da vida ganha exuberância quando ela é ameaçada. É o que está acontecendo nas casas, agora cheias de apreensão, mas lugares da convivência entre pais e filhos e não meros dormitórios de pessoas desesperadas que vivem para trabalhar e não trabalham para viver.

Almejamos profundamente que, depois do vírus, voltemos às ruas mais humanos e menos máquinas operadoras de fundamentalismos econômicos, políticos e religiosos⁷.

7 Em artigo “Insônia”, na Folha de São Paulo, no dia 5 de abril de 2020, a atriz e escritora Fernanda Torres, conclui com o sonho da unidade planetária da qual compartilhamos. Eis suas palavras: “continuo na esperança de que esse horror una o planeta, fortaleça o valor da ciência, da imprensa, da razão, da boa política e da compaixão, enquanto aguardo um milagre que combata tanto a peste, quanto a funesta cultura do ódio”.

Devo ao sociólogo italiano Domenico De Masi⁸ a grata leitura de um belíssimo texto intitulado “A evidência de que a vida pode ser organizada de outro modo”, publicado no jornal Folha de São Paulo, no caderno Ilustríssima, no dia 22 de março de 2020, onde, ao lado de outros intelectuais, ele analisa a vida depois do vírus.

No texto, De Masi afirma: “o tempo livre que, até um mês atrás, nos parecia um luxo raro, hoje abunda”. E continua: “A marcha ré e os freios que a cultura neoliberal se recusou obstinadamente a usar agora foram desencadeados: não graças a uma revolução violenta, mas sim a um vírus invisível que um morcego soprou sobre a sociedade opulenta, obrigando-a a se repensar”.

Diante de uma calamidade, qualquer que seja seu nome, – gripe espanhola, peste negra, gripe suína, ebola ou coronavírus –, nossos sentimentos e emoções primários remontam aos habitantes da caverna e tentando exorcizar o cordão sanitário, tateamos em traços rupestres esboçando nossa pura humanidade despida das ilusões performáticas.

⁸ Sociólogo italiano que se tornou famoso ao defender o conceito de ócio criativo.

Lição 3

O princípio ético da cooperação

A terceira lição que precisamos aprender é que a vida é feita de cooperação e não de competição. A aventura humana, conhecida como civilização, e que foi gestada a duras penas durante milênios, hoje se vê ameaçada e pode ser destruída pela sanha individualista de uma minoria voraz e consumista.

Tudo tem limites. Domenico de Masi, referindo-se a sociedade opulenta, menciona Kennet Building, um dos pais da teoria geral dos sistemas, que dizia: “Quem acredita na possibilidade do crescimento infinito num mundo finito ou é louco ou é economista”.

O choque de humanidade deve nos levar a abandonar a loucura economicista que leva ao consumismo desenfreado, fruto de uma lógica de concentração e exploração dos recursos por parte de poucos, enquanto uma vasta multidão clama pelas migalhas que caem da mesa do banquete que envergonha a raça humana.

A terra é generosa e oferece seus frutos a todos e essa mentalidade poderá nos levar a ter mais compaixão e celebrar a vida para todos e não a privatizá-la para o festim de alguns.

Lição 4

A humanização da vida

A quarta lição que precisamos aprender é humanizar a vida. Os especuladores, há poucos dias, estavam cinicamente em suas luxuosas torres e em seus escritórios amplos e sofisticados brindando, o casino econômico, do capitalismo mundialmente integrado.

Agora em pavorosa, isolados em suas pobres mansões, utilizam as redes sociais para discutirem medidas de pedidos de socorro ao pobre Estado (uma humilhação ao rico capital) lamentando não ter higienizado a tempo a “mão invisível” do mercado.

Eles também aprenderam a lição de distinguir o que é real da ilusão, de que além das bolsas é preciso investir também em higiene moral. Sem uma ecologia do coração os valores especulativos que defendem viram pó e só os frágeis valores humanos podem sinalizar alguma lucidez aos ilusionistas monetários.

A realidade nos põe a nu: somos humanos. Então é preciso orientar tudo para uma vida mais humana, começando por aqueles para os quais a vida não é vida, mas uma ilusão deificada.

Lição 5

A era planetária

A quinta lição que aprendemos, à duras penas, é o significado da globalização.

Até então a globalização ostentava apenas o seu lado econômico, tecnológico e especulativo, mas agora revela sua fisionomia humana, demasiadamente humana.

Nunca gostei do termo *globalização*, porque sempre foi associado de forma reducionista, ao lastro econômico, nem de *aldeia global*, como falava Marshall McLuhan⁹, porque a linda expressão, aldeia global, esconde a essência constituidora de uma verdadeira aldeia que é a coletividade.

Prefiro o termo *planetário* porque é holisticamente mais integrador e poético, revelando que somos fragmentos de um todo que só se salvará na solidariedade, na comunhão e na cumplicidade.

Definitivamente, Robinson Crusóé¹⁰ tinha razão ao afirmar que neste planeta azul, nenhum ser humano, nenhum país é uma ilha. Então não há alternativa. Ou cuidamos da casa comum e nos salvamos todos, ou vamos ao encontro do destino dos dinossauros e nos perdemos todos. Entre a força bruta dos dinossauros e a frágil sagacidade das baratas, a história já demonstrou o que prevalece.

⁹ Herbert Marshall McLuhan (1911-1980) filósofo canadense, conhecido por vaticinar a Internet quase trinta anos antes de ser inventada. Ganhou notoriedade por sua máxima: *O meio é a mensagem* e também por ter cunhado o termo *aldeia global*.

¹⁰ Robinson Crusóé é a personagem central do romance do escritor inglês Daniel Defoe que narra as aventuras de Crusóé após o naufrágio numa ilha caribenha.

Lição 6

Percamos tempo

A sexta lição nos convida a aprender a perder tempo. E de que tempo vimos falando senão o da pressa cotidiana que se nos impõe como medida de vida?

O momento nos convida a flunar por entre nossos desertos interiores construídos quando saímos em busca da terra prometida. Assim como Moisés, não a alcançamos, ficamos apenas com a promessa sedutora que nos esvaziou.

Hoje, algo no ar, cuja direção não sabemos, nos assusta porque significa o perecimento desse corpo que nos tem levado a tantos lugares, este corpo mesmo que desrespeitamos em prol dos parcos ganhos da sobrevivência. Parcos porque nos reduzem aos limites das horas marcadas minando o tempo do ócio e do ensimesmamento que nos devolveria à vida sem pressa a que tanto almejamos.

A preciosa lição está no retorno ao nosso deserto, lá onde os mais mezinhos hábitos nos aguardam.

Percamos o tempo do cotidiano para encontrá-lo ocioso na inefável celebração à vida e ao planeta.

Percamos tempo conosco, nos olhando, e olhando em volta.

Percamos tempo com nossos filhos, pais e amigos.

Percamos tempo sorrindo, gargalhando. Quando perdermos o tempo que nos oprime, ganharemos o outro, o *kairós*, esse sim, nossa essência.

Lição 7

Esperança, haverá primavera

A sétima lição nos pede atenção ao burburinho das flores de setembro nos ensinando o gesto de amor à natureza que, alheia a tudo, nos brinda diariamente com sua formosura e perfumes.

É outono e, além disso, virá o inverno – estações em preto e branco –, mas a promessa ridente da primavera já é certeza nas almas que na fé do agora observam a chuva e as flores do amanhã, na estação colorida, no seu céu, na sua terra, com suas semeaduras e suas colheitas. Cheio de cores, vamos esperar pelo sol, a estação da luz.

Amamos o mês de setembro por causa da primavera que brota nas praças, nas ruas, nas mesas repletas de vasos floridos. Cores diversas e formas exóticas criam harmonias musicais com notas floridas. Há sempre notas de esperança em cada broto que surge e floresce; nem sempre da cor que esperamos, porque assim é a natureza: surpreendente, e aí está sua maior graça e virtude.

Ah primavera! Nem suspeitas que a ti creditam uma aleivosa esperança, mas não te quedes de chegar em setembro por isso. Acreditamos que alheia a tudo o que ocorre, certamente virás com floreios e galanteios coloridos ensinando o sonho ao mais miserável dos homens e o perdão ao mais vil.

Sorridentes, no jardim florido, sobre a água reluzente, carpas dançam. No balcão, coincide com a lágrima perdida, o orvalho sobre a orquídea. São as flores setembrando.

Lição 8

Voltar p'ra casa

A oitava lição, voltar p'ra casa, nos fala do filho pródigo¹¹ que sempre volta ao lar, esse é um ditado antigo, mas que ganha força nesse momento em que apreendemos o verdadeiro sentido da palavra saudade. Saudade e consciência são duas glândulas raras que nos fazem voltar para casa, seguindo outros caminhos.

Depois de andanças esbanjando nossas vidas e os bens mais preciosos, nos deparamos com o medo, a fome e a solidão, e refreamos nossos rumos para recobrar o ânimo e voltar para casa.

Como se voltássemos para algum lugar do passado, recuperamos aromas, cheiros, sabores e lembranças. Estamos num momento de isolamento social, mas já estávamos assim antes; em meio a tanta gente, não nos reconhecíamos no outro, assim como ele não se reconhecia em nós. Havia um acordo tácito justificado na pressa do cotidiano. Tanta coisa a fazer! – E agora?

A empresa fechou, a praça esvaziou, o banco reduziu seu horário, as escolas, agora saudosas da bagunça das crianças no recreio, fecharam seus portões. Tudo isso para ensinar outra importante lição: estar em casa.

“Estar” – estamos aprendendo a “estar em casa”; a ela voltamos p'ra respirar os ares que deixamos todos os dias sem perceber. As portas sempre abertas nos recebem diariamente, sem questionar, apenas se abrem. Penso que

¹¹ Uma das mais belas parábolas de Jesus que narra o encontro de um filho extravagante e de um pai misericordioso.

voltar p'ra casa seja um dos aprendizados mais profundos que estamos vivendo.

Lição 9

A poesia nos salvará!

A nona lição vem de três grandes poetas. Paulo Leminski¹² dizia “poesia se faz com a vida”. Ele estava certo. Mário Quintana¹³ dizia “a vida é uns deveres que trouxemos p’ra fazer em casa”. Ele também estava certo. Adélia Prado¹⁴ foi quem disse “a poesia nos salvará”. Ela permanece certa.

Sim, o infausto acontecimento nos levou a trazer um baú cheio de lições para casa, e estamos aprendendo a nos adaptar, a encontrar novas saídas através das músicas cantadas às janelas ou nas sacadas dos apartamentos.

Conhecemos os mesmos vizinhos que cumprimentamos no elevador com um educado “bom dia, boa tarde, boa noite”. Despertamos nosso lado mais humano e criamos novas formas de nos aproximarmos.

A poesia existindo em nós exuberava vida por meio das palavras, das salvas de palmas ao aniversariante da janela em frente. Poesia se faz com a vida mesma, e que possamos perder tempo singrando outros caminhos e

¹² Paulo Leminski Filho ou Paulo Leminski (1944-1989), foi poeta, crítico literário e professor. Considerado um dos ícones da poesia marginal e um “guerreiro da linguagem”, oscilava entre o prosaico e o erudito. Apreciador da filosofia zen budista, criou vários haicais que segundo ele, eram o “caminho da espiritualidade através da arte”.

¹³ Mário Quintana (1906-1994), poeta, tradutor e jornalista. Conhecido como “poeta das coisas simples” era capaz de traduzir o mundo em um único verso como “Os caminhos estão descansando...”

¹⁴ Poeta mineira ligada ao Modernismo, cuja obra retrata o cotidiano com perplexidade e encanto, norteados pela fé cristã, uma das características de seu estilo singular”.

redescobrimo a arte que trouxemos para casa em nosso baú de lições.

Lição 10

Corona destronada

A décima lição nos ensina o poder da solidariedade e da nobreza do espírito humano em tempos agônicos.

Pedindo licença aos épicos gregos, assumimos que nosso exórdio não seguiu o rigor clássico, como não o segue agora a peroração, a não ser para lembrar a causa do infortúnio que nos motiva e para invocarmos às divindades - venham em nosso auxílio, trazendo a sensibilização e a esperança.

Ainda que lhes faltem a métrica e o ritmo do lirismo grego, não (lhes) falte – às palavras – o endosso ao próspero final.

Propala, agora, Corona, tua majestade sobre os homens de todos os cantos do mundo! Robustez não te falta, nem velocidade para impores ao mundo o ar de tua presença impiedosa, mas nada é para sempre. Teu canto de morte se avizinha. Ao mesmo tempo, um coro de vozes ressoa sem a violência que é tua marca. Finalmente aprendemos, ainda que duramente, a lição. Lágrimas, soluços de raiva, choro da impotência contra a sorte com que nos acometestes. Lutos maternos, paternos, avoengos, fraternos. Por algum tempo, pérfida corona revestida de Ares¹⁵, dançastes sobre os humanos. A duras penas, no entanto, fê-los sábios aprendizes. Isolados que foram, souberam esses senhores enfrentá-la. Aprenderam a ressurgir como Fênix, não das cinzas, mas dos ares, e tal

¹⁵ Ares, segundo a mitologia grega, era o deus da guerra. Apreciava as batalhas sangrentas, nas quais encontrava “paz” – No entanto, não era invencível, perdendo várias batalhas.

qual Ares, o deus da guerra, trouxeram como armas a solidariedade e a nobreza do espírito humano.

Altaneiros, transformaram derrota em vitória. E foi o poema bradado nos quatro cantos do mundo que fez surgir do nada, o tudo. E assim o homem aprende a lição da vida que a história há de contar.

Lição 11

O valor da espiritualidade

A décima primeira lição a aprender é cuidar da espiritualidade¹⁶. A sociedade frenética, excitada, líquida, pós-moderna e do espetáculo, de repente, em poucos dias, se transformou num deserto calmo e concretíssimo se oferecendo à contemplação.

A eloquência do silêncio se fez ouvir. A relação de pais e filhos se tornou mais íntima. A mobilidade urbana se resolveu num passe de mágica.

Os centros nervosos e agitados como, por exemplo, a Rua do Ouvidor, a Times Square, a Avenida Del Libertador, a Praça São Pedro e o bairro Shibuya, tornaram-se pontos quietos e serenos.

Assim como os super-mega-hiper mercados e os grandes shoppings, perderam a importância. A luminosidade publicitária que nos cega e nos faz consumidores anônimos e insanos foi ofuscada. Mas as pequenas quitandas, os pequenos mercadinhos, as modestas feiras agroecológicas se revelaram importantes e lugar de gente.

O fechamento de 70% do comércio das cidades revelou o que todos já sabiam: são bugigangas e

16 O termo espiritualidade não precisa ser tomado em sua dimensão e lugar natural que é o espaço do sagrado, mas pode ser concebido em sentido amplo, envolvendo a psique, o universo mental e a interioridade de cada ser humano. Por quê? Porque o espírito humano não se satisfaz apenas como uma dimensão puramente material e aí surge a questão da racionalidade prática, traduzida em termos mais amplos, no problema do resgate da questão da inteligência na sua dimensão sapiencial.

penduricalhos supérfluos que não acrescentam nada à felicidade humana.

O que isso tem a ver com espiritualidade? Tudo. Quem cultiva a interioridade, a leveza e o despojamento não tem déficit, não tem carência e sabe discernir o que importa da exterioridade e o que é apenas paliativo a preencher uma existência condenada a se empanturrar de coisas, porque vazia.

A locomotiva do progresso econômico saiu dos trilhos, os motivos humanos entraram nas linhas do esperar.

Lição 12

A revolução pelo ócio

A décima segunda lição a aprender é que o ócio é o maior gesto e o mais potente princípio revolucionário na era planetária.

Basta o gesto criativo da ociosidade para que as águas de Veneza se tornem, em poucos dias, cristalinas.

Basta o gesto criativo da ociosidade para o céu continuar a ser azul e livre para os pássaros, para as estrelas e para o sol enamorar-se da lua.

Basta o gesto criativo da ociosidade para urbe ganhar ruas e avenidas largas e ampliar os espaços para gente e animais e a mobilidade dispensar as máquinas poluidoras.

Karl Marx¹⁷ se equivocou em sua análise sociológica ao pedir que os trabalhadores se unissem. É o contrário, a verdadeira revolução se dará pelo gesto criativo do ócio que, intencionalmente, afirma: trabalhadores separai-vos.

Tinha razão Paul Lafargue¹⁸, ao criticar os trabalhadores franceses que reivindicavam trabalho e exaltava os gregos que defendiam a preguiça.

Não sejamos ingênuos, pueris ou tolos na percepção do ócio. É preciso deixar claro que não se trata de uma atitude niilista, personalista e **pejorativamente**

¹⁷ Karl Marx (1818-1883) foi um revolucionário socialista e o mais competente crítico da economia capitalista.

¹⁸ Paul Lafargue foi um dos nomes mais expressivos da cultura do ócio. Em *O direito a preguiça*, ele faz uma crítica a palavra de ordem dos operários franceses na Revolução de 1848, reivindicando o “direito ao trabalho” e o elogio da cultura grega, defensora do ócio e da contemplação, ou seja, “da preguiça heroica”, entendida como condição favorável à arte de viver.

ensimesmada, ao contrário, trata-se de um gesto criativo, cômico e intencional. Se possível festivo e dançante!

O exército dos desempregados, dos “vagabundos”, dos excluídos, dos sem nada ocuparão as ruas vazias e as encherão de vida e humanidade pura. E a solidariedade de todos os homens e mulheres de boa vontade fará o milagre dos pães e dos peixes se repetir. A humanidade vai resgatar sua origem boa e exorcizar a corrupção que desumaniza.

Não seremos capazes de restaurar o paraíso porque esse continuará sendo atributo dos deuses, mas cada cidade terá um jardim e as borboletas serão atraídas ao lado de pássaros e de lírios e de abelhas, é claro, anunciando que a vida pode ser mel, pode ser doçura. E isso já não seria, de algum modo, o paraíso na Terra? Um protótipo do que podemos ainda alcançar?

Os poderosos, os sepulcros caiados, os hipócritas, as raposas, os guias de cegos vão contemplar primeiro de suas janelas, depois em tímidos passeios socráticos vão se aproximar da festa e serão bem-vindos! Eis aqui a *Pólis* reconciliada.

Eles também trazem, no mais íntimo de seus corações, essa estranha mania de ter fé na vida, como diz a canção¹⁹. Essa dimensão apenas se encontrava obnubilada pela ilusão e pelo fetiche da riqueza.

A princípio, vão dançar desajeitados, mas logo aprenderão as habilidades dos guetos e irão sorrir livres e leves; sem gravatas e perdoados.

A mensagem do ócio é clara para quiser sentir, ver, tocar, saborear e ouvir: é preciso refundar a sociedade sobre outras bases, restaurando a verdadeira civilização humana. HUMANA.

¹⁹ *Maria, Maria*, composição de Milton Nascimento e Fernando Brant, canção imortalizada na voz de Milton Nascimento.

Ah! Trago de cor – etimologicamente de coração – o que aprendi com o contador de história Rubem Alves²⁰ sobre jardins: todo jardim começa com um sonho de amor. Antes que qualquer árvore seja plantada ou qualquer lago seja construído é preciso que as árvores e os lagos tenham nascido dentro da alma. Quem não tem jardins por dentro, não planta jardins por fora e nem passeia por eles.

É o que captou o poeta da canção Milton Nascimento ao nos lembrar que há que se cuidar do broto para que a vida nos dê flor e fruto

²⁰ Rubem Alves, filósofo, psicanalista e contador de história, foi um pensador mineiro que deixou uma vasta literatura sobre vários assuntos, mas o que mais o fascinava era a realidade ordinária do cotidiano.

Lição 13

Ser simples

A décima terceira lição é a simplicidade. Definitivamente aprendemos que menos é mais.

Menos burocracia, menos legalismo, menos acúmulo, menos trabalho, menos dinheiro, menos tudo que nos faz menor.

Mais leveza, mais liberdade, mais desapego, mais alegria, mais sentido, mais tudo que nos faz melhor.

Epicuro²¹, meu filósofo predileto, já dizia que o propósito da vida é a busca do prazer, mas a sabedoria, segundo ele, está em continuar sentido prazer nas coisas simples, porque quanto mais próximo da simplicidade mais próximo da felicidade.

Ser simples é uma disposição sábia de quem se abre às possibilidades de uma vida boa e feliz.

Na hora da fome, um simples pão, sem manteiga, é um banquete.

Na hora da sede, um copo d'água fresca é uma dádiva do céu.

Na hora do sono, uma cama simples é um colo para os sonhos.

Uma taça de vinho é a simplicidade adornada!

Amizade sincera é simplicidade em festa, celebrando a vida que em si mesma é completa e plena.

Contemplar um filho dormindo é reverenciar o mistério transfigurado em simplicidade e encanto.

²¹ Epicuro de Samos (341 a.C.-271 a. C.) foi filósofo grego do período helenístico. A corrente de pensamento chamada epicurismo defende que o propósito da vida é a busca do prazer, visando a *Eudaimonia*.

Basta existir para se ser completo, dizia Fernando Pessoa²² o poeta do olhar.

²² Fernando António Nogueira Pessoa (1888-1935). Poeta, tradutor, ensaísta, o poeta português foi um dos mais importantes do Modernismo português. Dando voz às suas angústias através de vários heterônimos, filosofou (abandonou o curso de filosofia e seguiu para Letras) sobre a vida, o homem, a natureza e à sociedade de seu tempo. Tinha em si “todos os sonhos do mundo”.

Lição 14

A comunhão de sonhos

A décima quarta lição é a comunhão dos sonhos. Os sonhos de ontem, os sonhos de hoje, os sonhos de sempre.

No céu Nhá Chica, Darcy Ribeiro, Eduardo Galeano, Ariano Suassuna, Rubem Alves, Mahatma Gandhi, Jesus Cristo, Madre Teresa de Calcutá, Irmã Dulce dos pobres estão em festa!

São Francisco de Assis está exultante! Até que enfim todos compreenderam que somos irmãos e irmãs. E o irreverente Raul Seixas, provoca Jesus Cristo dizendo: “Oh! Galileu, viu como eu também já fui profeta? E canta o dia em que a terra parou.

José Datrino, retifica Raul: você é o maluco beleza, profeta sou eu: o profeta gentileza.

São Pedro gosta da canção do maluco beleza e pede que cante de novamente... Enquanto isso, os outros apóstolos buscam mais peixe e pão para a festa continuar.

E ao fundo, o maluco beleza entoia “Tente outra vez e não diga que a canção está perdida”, porque ela não está.

Maria, a mãe de Jesus, se aproxima séria e todos a olham em silêncio, mas ela sorri e diz solenemente: ‘tá faltando vinho nesta festa!

Karl Marx, sussurra a Fidel Castro: esses malucos tinham razão! Ernesto que observa tudo, aquiesce proferindo: eles jamais perderam a ternura. E continua: não perder a ternura, esse é o segredo da verdadeira revolução.

Antonio entra na conversa e pronuncia sua gesta gloriosa: passei a vida dando conselhos, daí a alcunha de meu nome.

Gilberto Freyre, do seu universo particular, sorridente de sua rede, ergue o chapéu diz: eu sempre confiei que um dia Casa Grande e Senzala seria uma só coisa.

Ferreira Gullar e Oscar Niemeyer se divertem falando sobre acasos e despreocupações. O primeiro diz: eu nunca fui religioso. Sempre acreditei no acaso e busquei na arte e no outro o sentido da vida. Agora, por acaso, descubro que sem saber sempre fui um místico... Isso é uma loucura! Niemeyer responde: eu nunca me preocupei com isso não, para mim sempre bastou a solidariedade.

Dercy Gonçalves, que tem a incumbência de assistir os que estão no *sheol*²³, provoca gargalhadas em Dom Helder Câmara e Chico Xavier com suas observações: porra! Esses filhos da puta viveram infernizando a vida da humanidade e até agora, depois de mortos, não nos dá sossego! Covil de ladrões! Filhos da puta! Porra!

Enquanto isso, Nelson Mandela, reúne todos os santos e santas anônimos e ensaiam a dança da capulana.

Darcy Ribeiro provoca Brizola: ei gaúcho você parece que ainda não se deu conta que estamos no céu! Vem tomar uma cachaça de Salinas, é melhor que chá-mate. Já foi o tempo que quisemos implantar o céu na terra, agora o céu já é realidade.

Hebe Camargo olha Brizola, lhe dá um selinho e, apontando para a festa, certifica: isso tudo não é uma gracinha? Ele responde: você sempre acha tudo uma gracinha... Isso aqui, guria, é tri-legal!!!

²³ De acordo com a concepção bíblica, *sheol* é o lugar onde reina o silêncio, a escuridão e o pó. “Região das trevas”, onde habitam os mortos.

O passado, o presente e o futuro são convenções que criamos para organizar nosso tempo e nosso espaço, mas na eternidade, onde um dia é como mil anos e mil anos como um dia, o sonho é um só – o grande sonho – porque já não existe o ontem e o hoje. É puro estado de graça.

Mas enquanto caminhamos rumo à transcendência, cada gesto de amor, cada persistência humana na construção da paz, cada mínimo de solidariedade, vão pavimentando as trilhas da imanência.

Nos gestos de cada persistência humana nenhum sonho se perde, nenhuma lágrima é esquecida, nenhuma esperança é perdida. Tudo é parte constituidora do grande sonho – os de ontem, os de hoje e os de sempre – de uma só grei e de um só criador-pai-mãe.

Comunhão dos sonhos, comunhão dos santos, comunhão do amor.

Lição 15

Sobre o amanhã

A décima quinta lição é que a nossa sede de expressão não pode se curvar às atuais limitações. O teólogo Leonardo Boff²⁴ narra com grande beleza que o ser humano é um ser de abertura, é um projeto infinito e, com tal, sempre vive num tempo de transcendência, vencendo os interditos e indo além de todos limites.

Nada pode deter essa sede de infinito. Podemos estar presos e submetidos as mais cruéis das condições, mas mesmo aí permanece o espaço de nossos sonhos mais íntimos e podemos projetar nossos anseios nas estrelas, na pessoa amada ou no coração de Deus.

O biógrafo e jornalista Ruy Castro²⁵, na sua coluna na Folha de São Paulo de 29 de março de 2020, intitulada “Para quando as celas se abrirem”, recolhe uma história sobre os prisioneiros que faziam malabarismos para escrever seus lamentos utilizando lápis, giz, carvão e, às vezes, as próprias unhas.

Castro termina sua coluna com um belíssimo chamado: “Pintores, músicos, atores, poetas e estudiosos das várias disciplinas, precisamos continuar a tentar produzir, ainda que para nós mesmos, para os vizinhos ou para as redes sociais. E não só para o sustento de hoje e amanhã. Temos de estar prontos para quando as celas se abrirem”.

²⁴ Teólogo e um dos pensadores que mais prega a paz entre os povos, a espiritualidade como fonte de mudança interior e a ecologia integral como princípio capaz de salvar a todos.

²⁵ Biógrafo e jornalista brasileiro, colunista do Jornal Folha de São Paulo.

A linguagem de Castro é inconfundível: é preciso olhar a vida de outra maneira. Nomeadamente a partir da linguagem dos poetas, por isso, dirá o poeta Maiakóvski²⁶ olhando pelas janelas do século XX “o século XXX vencerá... Ressuscita-me nem que seja só porque te esperava como um poeta”.

²⁶ Vladimir Vladimirovitch Maiakovski (1893-1930). Conhecido como o “poeta da revolução”, o poeta futurista, integrou o Movimento Bolchevique, do Partido Social-Democrático Operário Russo, e seus poemas versaram sobre seu cotidiano na Rússia devastada, porém, sem perder o brilho e a esperança de um futuro melhor.

Lição 16

Aliança cósmica

A décima sexta lição é que chegou a hora de despir a arrogância epistemológica e antropocêntrica de tudo dominar e humildemente refazer a aliança cósmica entre ser humano e natureza.

O filósofo da ciência Ilya Prigogine²⁷, defende a tese da inter-relação entre ciência e filosofia. Entre ciência e religião, são pronúncias diversas que procuram captar o mistério do universo em sua dança cósmica.

O paradigma da aliança traz um imperativo cósmico de que a lei do universo é a vida. Segundo Ilya Prigogine, a vida não é natural, nem espiritual; ela é eterna. A vida humana é só uma entre várias formas de vida. Hoje estamos nos dando conta de que nós, seres humanos, somos a grande ameaça ao planeta terra. Essa consciência implica a chance de voltar à fonte e fazer uma nova aliança a partir de um imperativo ético de cuidar do jardim.

Cuidar do jardim significa reconhecer que não somos senhores da natureza, mas somos uma pequena e frágil parte deste todo que nos embala, nos alimenta, nos encanta... No relato das origens encontramos o criador que ao contemplar toda sua obra viu que tudo era bom, muito bom. Deixemos cada criatura, cada ser, cada micro-organismo cumprirem seu papel no grande mistério do

²⁷ Nota sobre Ilya Prigogine Ilya Prigogine (1917-2003) foi um químico e cientista russo. Recebeu o Nobel de Química de 1977, pelos seus estudos em termodinâmica de processos irreversíveis com a formulação da teoria das estruturas dissipativas.

universo e alegremo-nos com nossa indispensável vocação de jardineiros.

Abandonemos o niilismo ético que tornou a civilização tecnológica (tecnocrática), baseada num pragmatismo que tirou a dimensão de abertura para os grandes valores humanos, do espírito humano. O que resultou numa civilização riquíssima de meios, mas pobre de fins humanos que possam arrancá-la dessa falta de sentido que a caracteriza. Essa captura do pensamento totalmente numa dimensão de equivalência, sem abertura para uma dimensão de transcendência é anti-humano porque o ser humano, lembrando novamente Leonardo Boff, é um projeto infinito.

O pensamento filosófico está empenhado, pelo menos para grande parte dos pensadores, no resgate desta dimensão. Jürgen Habermas é um daqueles que tem se empenhado nesta luta: a exigência de uma racionalidade que assuma um sentido mais amplo do que a racionalidade simplesmente técnico-científica, que é muito restrita para dar um sentido maior para o existir humano, intersubjetivo e social.

Aqui vemos somados muitos esforços de grandes méritos de grandes inteligências, não só do campo filosófico, como no campo da ciência. Novamente citamos Ilya Prigogine, um cientista por quem temos grande apreço. No seu livro *Metamorfose da Ciência*, ele preconiza uma volta à nova aliança que seria exatamente a aliança com o pensamento filosófico. É urgente superar ruído entre ciência e filosofia; entre religião e ciência; entre ser humano e natureza. Nosso destino não é a separação, a competição, mas a unidade e a comunhão com todas as coisas.

Lição 17

Ah (deus) tecnologia!

A décima sétima lição tem a ver com um significativo aprendizado sobre o legado da tecnologia. Desde sempre somos seduzidos pelas técnicas de reprodução e pelas tecnologias. Não se trata de endeusá-las ou demonizá-las, mas antes, de dar a elas o papel que sempre lhes coube: o de servir ao homem e à sociedade.

Iludidos com a promessa de eternidade e de solução de problemas que facilitariam a vida, transformamos a tecnologia em outra terra prometida e o passo seguinte foi utilizá-la para toda sorte de perversidade: a Grande Rosa mostrou bem seu poder, mas foi o homem e não outro ser que construiu cada pétala e que brincando de deus ofereceu a ela o sacrifício dos que nem chegariam a nascer, calcinados que foram nos úteros que trariam esperança com o nascer do sol.

De lá para cá, a tecnologia recriou e destruiu em massa e agora temos tempo suficiente, queremos crer, para compreender o poder que temos sobre ela. Brincamos de deuses e nos arrogamos o direito sobre a vida e a morte das pessoas e da natureza, e agora que um vírus letal nos assombra com sua invisibilidade, que armas nos restam senão a solidariedade e o amor?

Olhando para este cenário, percebemos que estamos aprendendo a lidar com a tecnologia não para destruir, mas para falar com entes queridos, para ouvir, para criar música, arte, poesia, - por que não? Os concretos e os poetas visuais já apontavam essa direção. O filósofo

Walter Benjamin²⁸, já dizia que se não aprendêssemos a ler a imagem que fotografamos, correríamos o risco de nos tornarmos analfabetos da imagem - já não havia aí uma lição? De nada adianta tecnologia de ponta se o ser humano e a natureza continuam à borda.

Vislumbro alguém desligando o celular para dar atenção ao outro. Se antes atendíamos rapidamente a um chamado à mesa porque o outro podia esperar, afinal ele estava lá, *in praesentia*, agora o chamado pode esperar, porque estar ao lado do outro vale ouro. O isolamento social está nos levando a ressignificar nosso sentido de prioridade.

²⁸ Walter Benedix Schönflies Benjamin (1892-1940). Filósofo ensaísta e crítico literário alemão, integrou a Escola de Frankfurt e destacou-se pelos escritos que revelavam, pelo viés de uma linguagem poética, mas nunca ingênua, os problemas sociais de seu tempo histórico. Para Benjamin, a perda da aura em função da técnica de reprodução conteria o poder de conscientizar as massas.

Lição 18

A interioridade do nada

A décima oitava lição nos fala do nada como ponto de partida e de chegada. O nada como vazio e risco do esquecimento de nossa humanidade, e o nada como possibilidade de ressignificação interior. Não somos tábulas rasas – claro que não! Mas temos navegado apenas na superfície de nossas vidas, tomadas pelas horas que nos roubam o tempo e o sentido real da palavra essência.

“Todos procedem do pó e ao pó voltarão”²⁹, diz a Sagrada Escritura. Por que não aproveitar, então, o tempo que herdamos entre a chegada e a partida? Talvez porque entre ambas esteja a vaidade tentando obstruir a dádiva que nos foi legada.

Ironicamente, precisamos que um desconhecido nos mostrasse a urgência de reavaliarmos nossa vida na qual a interioridade se manifesta diariamente, a cada átimo de segundo em que respiramos. Apenas deixamos de percebê-lo. Isso mostra o quanto somos perfeitos na nossa imperfeição – seres frágeis e ao mesmo tempo resilientes e capazes de gestos simples e calorosos como declamar um poema na janela e ser ouvido! Sim! ouvido e apreciado!!!

Diz o salmo messiânico que “eternamente céus e Terra prosperam porque todos os seus movimentos se realizam com perfeição”. Por mais contraditório que pareça, no veneno encontra-se o antídoto. Eis a interioridade do nada. Eis o mistério da vida.

²⁹ Cf. Livro de Eclesiastes, capítulo 3, versículo 20.

Lição 19

Cale-se!

A décima nona lição nos ensina a arte de calar diante da supremacia do universo. Também nos ensina a calar porque é momento de silenciar para aprender. E nesse caso, o silêncio é uma dádiva! A conversa interior que vem reclamando, há tempos, nossa presença e da qual nos esgueiramos por falta de tempo, por falta de assunto conosco mesmo, diz agora - Cale-se e ouça o silêncio trazendo os sons que ecoam na memória.

Ouves? É teu sorriso mesmo de criança, a fala dos tios chamando para o almoço de domingo enquanto jogas bolinhas de gude com teus amigos.

Ouves algo mais? Ah, sim! – a mãe ralhando contigo por algo que já não é mais importante, mas que ficou na memória como uma prova de afeto e de cuidado.

Cale-se para sentir o aroma preso nas tampinhas de garrafas em que saboreastes o gosto que já não existe – *grapette, ginger-ale – 7 up*. Cale-se!

Lição 20

Terra

A vigésima lição... Bem, talvez não seja lição, apenas o olhar de Deus sobre os homens.

Ao canto, tímido, debruçou-se Deus para ver sua criatura. Mal pode acreditar no que viu: faltou latim ao Criador.

Lá embaixo, na Terra, um burburinho se ouviu: shhhh!!! O planeta despertou, cuida que acorde bem. Não grites para não o assustar, é novo entre nós, carece de música, de festa e de sol para se aquecer.

Emocionado, o sol se iluminou sobre aquele novo ser que os homens haviam criado.

Lição 21

Ao fim e ao cabo, Gratidão!

A lição vigésima primeira nos mostra que ao fim e ao cabo, cada qual tem seu tempo de aprendizado e cabe agradecer a oportunidade que nos é dada.

Não o agradecimento social ou o ritual judaico-cristão, que também correriam o risco de ficar na superfície e não na interioridade, como urge o momento. Falamos da gratidão do matuto que mesmo sem aprender a ler as palavras, nos ensina a ler as estrelas, a lua, a terra, as sementes e os animais grandes e pequenos.

Falamos da gratidão como reverência ao sagrado e à sabedoria de nossa “humana idade” revestida de intemporalidade, sempre generosa e respeitosa com o tempo para cada propósito de nossas vidas. Gratidão!

Lição 22

Mudança de época

A vigésima segunda lição é que, definitivamente, adentramos numa mudança de época. A revolução pelo ócio, nos mergulhou, se não num desespero total, pelo menos numa crise radical que, literalmente, nos arrancou da frieza, da indiferença, do cinismo, provocando uma perplexa transformação, pela raiz, de uma nova visão planetária.

O mundo não será o mesmo. Será um tempo de resgate dos valores seminais, de uma nova configuração das relações humanas, de um novo cuidado essencial com a vida em sua totalidade. Será também tempo de um novo arranjo na economia, na política e na cultura. A ciência será reconhecida como a inteligência a serviço da vida e protetora contra os abismos.

Cada povo terá orgulho e zelo pelos seus cientistas de todas as áreas e, o interesse público, estará acima dos interesses privados.

A ciência deixará sua dimensão orgulhosa e humildemente colocará como princípio de sua incansável busca da verdade o aforismo socrático: “Só sei que nada sei”.

A imprensa será reconhecida como patrimônio do povo e alicerce da liberdade e da democracia. A imprensa deixará sua dimensão irresponsável e sensacionalista e, com humildade colocará como princípio de sua incansável busca da verdade dos fatos o aforismo de Leonardo Boff: “Todo ponto de vista é a vista de um ponto”.

A política vai resgatar sua essência e voltará a ser a arte e a ciência de governar uma cidade, um estado ou um país. A bondade, a virtude, a sensibilidade e a capacidade de

domínio das próprias paixões serão reconhecidas como critérios basilares dos postulantes à função.

A política deixará de ser um covil de ladrões manejada pelo poder econômico e ocupada por aventureiros, para se transformar num ideal a serviço da vida. Célebres pessoas de alma e de sonhos (não celebridades), vocacionados se ocuparão desta função e não homens e mulheres de negócios.

A educação voltará a ocupar a centralidade da vida. As escolas e as universidades serão reconhecidas como espaços do saber e templos da sabedoria.

Os professores, os médicos, os floristas, os garis..., serão reconhecidos como as figuras importantes da sociedade por dedicarem suas vidas ao conhecimento, à saúde, à beleza e ao bem-comum. Os professores, por serem os guardiões da história, da cultura e por municiarem a ciência dos dados concretos que serão apoios para novas descobertas a nos proteger dos abismos. Os médicos, por serem os guardiões da saúde e do bem estar. Os floristas por serem os guardiões de jardins. Os garis, por serem os guardiões do asseio social. Todos seremos guardiões do planeta e da biodiversidade.

As ciências humanas deixarão de ser a prima pobre no universo do conhecimento e passarão a ser respeitadas porque são elas que estudam as tribos, as minorias, os guetos, as favelas, os invisíveis e os esquecidos. São elas que cavam solos em busca da memória, são elas que se alegram com os inutensílios e com as coisas “sem importância”.

O legislativo, o judiciário e o executivo, serão os três poderes a serviço de uma só justiça, concretizadas em leis sóbrias, em julgamentos imparciais e em políticas simples.

Sobriedade, imparcialidade e simplicidade serão virtudes que farão as pessoas, a começar das mais humildes, a acreditarem que sim é sim e não é não.

Lição 23

Do apocalipse ao Gênesis

A vigésima terceira lição é que o Apocalipse ainda não é o fim, mas a revelação que nos devolve ao Gênesis. Ou seja, todo cenário apocalíptico é um convite a olhar para as origens e refazer o percurso; é uma oportunidade de crescimento e aprendizado. A conversão de mentes e corações poderá, mais uma vez, manter o planeta azul como lugar de bem-querer e de beleza.

A arca de Noé³⁰ está à deriva: ou remamos unidos e vamos reflorestar os desertos da terra e os desertos da alma; ou ignoramos os sinais e o dilúvio será o último ato da aventura humana.

O alento da vida me faz crer que vamos remar unidos e ancorar na terceira margem do rio. E assim vamos permanecer porque o dilúvio não seria o melhor verso para finalizar o poema-sonho de Deus.

³⁰ A narrativa bíblica diz que Noé acreditando nos sinais antecipando o dilúvio construiu a arca na qual foi salvo ele, sua família e os animais. Ler os sinais da natureza, as manifestações da história e os apelos da vida é uma necessidade.

Lição 24

Memória

A vigésima quarta lição fala dos eventos guardados na memória e passados de geração em geração para que não nos esqueçamos das lições aprendidas.

Diz o poema: A memória é um bem que guarda em suas gavetas a nossa história.

Quando as abrimos, (as gavetas), em algumas encontramos os cheiros do passado, mas já não são aqueles da infância, dos armários da casa dos avós e dos pais.

São outros aromas, atualizados no presente.

No entanto, só nos damos conta de que pertencem ao presente porque ficou no passado, como névoa, a lembrança dos armários dos entes queridos.

O cheiro do sabor da infância, agora eternizado na memória, esvanece como névoa que é, mas deixa no presente o rastro perene de sua marca.

Ora mais forte, ora mais tênue, ela ensina que as árvores têm novos contornos, apesar de plantadas há séculos, quando nossos bisavôs e bisavós eram jovens.

Que bom!

A memória só pode guardar e eternizar os sentimentos e os aromas porque entre ela e a lembrança distinguimos as marcas que queremos perpetuar e as que queremos simplesmente acomodar nas colchas com que envolvemos nossa existência.

Qual memória deixaremos para nosso futuro?

Lição 25

Esperançar: a experiência estética de uma canção

“O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista brasileiro...”
(Para todos – Chico Buarque)

A vigésima quinta lição trata de uma das mais importantes dimensões humanas: a *Experiência Estética* da elaboração artística.

Recebi com alegria, surpresa e esperança a mensagem do amigo Vanderlei Barbosa, autor desse Belo projeto, juntamente com Dalva Lobo, também autora e com quem cultivamos a Amizade.

A mensagem datada de 21 de abril de 2020 dizia: “Dalva e eu, dialogando sobre a quarentena, colocamos a questão: Que lições vamos aprender desse drama da humanidade? Diante de tal questionamento, propus a ela que escrevêssemos de forma fluente e, dentro do possível, poética sobre isso (...). Daí o motivo deste e-mail que é para fazer um pedido para que você leia nosso texto e aponte possíveis ingenuidades e contradições, bem como corrija algumas inconsistências conceituais, que possamos ter cometido, sobretudo em relação ao pensamento de Habermas. E mais ainda, que fizesse uma das lições do nosso livrinho, especialmente com sua experiência estética com a composição da nossa música “Esperançar”. Lembro que o estilo da escrita é, de

propósito, ser simples e fluente. Aguardo suas considerações e, antecipadamente, agradeço. Seria um sonho fazer o lançamento ao som de nossa música!!! Grande abraço, Vanderlei”

Como recusar um convite desses? A mensagem chegou bem no feriado de Tiradentes, dia em que se celebra a “Inconfidência Mineira”. Não seria um despropósito receber uma “intimação” no gozo do meu tempo livre? Pera um pouquinho..., seria, se a motivação do convite fosse feita no contexto da lógica instrumental e calculista do mundo do trabalho, em minúsculo, pois Marx nos ensinara, que **Trabalho** em Maiúsculo é o que nos permite sentir e transformar o mundo, de forma livre e humanamente motivada. Fiquei pensando... Não se tratava de um despropósito, mais de um propósito de resistência livre, típica da Inconfidência Mineira, que me motivou a Esperançar, no sentido empregado por Paulo Freire. Vamos lá!

Primeiramente, deixe eu lhes dizer algumas palavras iniciais sobre os conceitos de experiência e arte, refletidos e discutidos pela filosofia, desde a antiguidade grega.

Theodor Adorno, em um de seus últimos escritos, a “Teoria Estética”, fez questão de registrar a sua compreensão de Arte: “Cada obra de arte é um instante; cada obra conseguida é um equilíbrio, uma pausa momentânea do processo, tal como ele se manifesta ao olhar atento”³¹. Vou tomar essa citação de Adorno para narrar uma experiência estética que tive com a arte musical nesses dias.

³¹ Theodor Adorno, filósofo e crítico musical alemão, é um dos pensadores mais destacados do século XX. A obra *Teoria Estética*, uma das últimas do autor, foi publicada postumamente em 1970.

Antes, porém, gostaria ainda de lhes apresentar mais um conceito, o de *Experiência*³², bastante conhecido no pensamento e nos escritos de Walter Benjamin.

A experiência que eu gostaria de narrar, tem a ver com a arte da composição musical de uma canção. Eu disse um tempo atrás, ao amigo Vanderlei, que eu estava sentindo a necessidade de compor algo capaz de expressar, ao mesmo tempo, a angústia da vida e a esperança de dias melhores.

Essa sensibilidade pela necessidade de expressão artística tinha a ver com o momento político-social do Brasil nos últimos anos, em que eu observava uma forte insensibilidade e pobreza de espírito de muitas brasileiras e brasileiros em torno do seu próprio egoísmo. Isso me angustiava e continua me angustiando... Afinal, o que impulsiona a nossa vida? Qual o lugar do Outro na sociedade que nós construímos cotidianamente? Que significado nós atribuímos à Ética e à Política em “nosso” Brasil?

A angústia sempre se intensifica, quando me deparo com situações de autoritarismo, com a discriminação racial e social, com a desigualdade econômica, com o fanatismo, com as diversas situações de polarização em que o “eu” se sobrepõe de forma violenta aos “outros”, que na verdade não existem, pois não há uma vida “Comum”³³.

³² Walter Benjamin, filósofo e crítico literário alemão, empregou o conceito de *Erfahrung* (Experiência) para distingui-lo de *Erlebnis* (Vivência). A Experiência é o instante transformador único, o que fica marcado e registrado na memória, não passa e se constitui como narrativa. Diferentemente da vivência, que é fortuita, passageira, efêmera.

³³ Comum foi o tema de investigação e análise político-social adotado por Pierre Dardot e Christian Laval no livro “*Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI*”, publicado em 2014 na França e no Brasil em 2017.

Evidentemente, que o momento trágico da pandemia da COVID-19, também é parte dessa angústia, amplificada pelo descaso às vidas dos “esfarrapados do mundo”³⁴.

Mas se há de um lado a angústia da indignação, também há a angústia filosófica, que nos faz refletir e nos convida a sentir e tomar consciência desse mundo, com o propósito de “Ser Mais” e “Esperançar”!!!³⁵

Eis o desafio... como transformar esses sentimentos em Música?

Eu toco violão há bastante tempo, há mais de trinta anos, mas cada vez que busco uma sonoridade no instrumento musical, é um instante, por vezes de execução de alguma obra da Música Popular Brasileira, não importa o gênero e, por outras, como forma de percepção de acordes, melodias e poesias. Essa linguagem, que se expressa na forma de música, contrasta tanto os momentos de tensão, como os de relaxamento³⁶.

³⁴ A expressão “esfarrapados do mundo” foi utilizada por Paulo Freire, no livro *Pedagogia do Oprimido*, como dedicatória da obra, escrita no Chile e publicada 1968, em seu período de exílio.

³⁵ Os conceitos “Ser Mais” e “Esperançar” foram empregados por Paulo Freire. O “Ser Mais”, um dos conceitos centrais da *Pedagogia do Oprimido* de 1968, se afirma como atitude impulsionadora da vida. O “Esperançar”, um dos conceitos chave da “*Pedagogia da Esperança*” de 1992, Paulo Freire nos adverte que é preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; que não se confunde com o verbo esperar. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para transformar esse mundo em outro melhor, mais inclusivo e humano.

³⁶ Entender a música como tensão e relaxamento, nada mais é do que perceber as funções dos acordes e das notas musicais que compõe a harmonia e melodia. Há momentos em que os acordes e as notas geram instabilidade, tensão, em sua “função dominante” e outros em que a sensação causada no ouvinte é de resolução tônica, ou seja, de relaxamento e estabilidade.

O *start* do ato criativo da música “Esperançar”³⁷, que não está plenamente acabada, pois ela vai se modificando com a percepção de sua própria sonoridade, foi iniciada com a cadência “II, V, I”³⁸. Interessante é que o motivo rítmico-melódico se assemelhava à *Bossa Nova* de Tom Jobin e depois evoluiu e se modificou radicalmente para algo parecido com a *Bossa Alagoana* de Djavan.

É claro que a música não se resume ao emprego da cadência “II, V, I”, embora se repita em vários momentos da composição e, pensando bem, poderia ser feita exclusivamente com progressões sucessivas de “II, V, I”, como forma de aceitar a provocação da bela música de Tom Jobin, composta a partir de uma única nota “*Samba de uma nota só*”. Música é assim, não existe uma regra e forma única de composição, seja ela simples ou complexa. É exatamente essa experiência formativa, que define por sinal, o que Adorno narrou como “... instante, pausa momentânea, equilíbrio...”.

O exercício de composição exigiu, para além das progressões harmônicas, a experiência da percepção melódica, que foi fluído como um diálogo, “pergunta e resposta” na construção de um discurso³⁹. A forma musical (introdução, parte A, parte B, intermezzo...) obedeceu ao tensionamento dialético entre a angústia e a atitude esperançosa da vida. Mas faltava algo, a música

³⁷ Registro aqui o meu agradecimento a André Oliveira, músico, professor, arranjador. Ele foi o meu incentivador e alfabetizador nessa singela composição.

³⁸ A cadência, ou progressão “II, V, I” é bastante conhecida nos estudos de harmonia funcional. Ela é utilizada em mais de 99% das músicas que compõe o gênero da *Bossa Nova* e *Jazz*. Os acordes II \bar{m} 7 (subdominante), V7 (dominante) e I7+ (tônica) provocam no ouvinte a sensação de tensão que caminha para o relaxamento.

³⁹ “Pergunta e resposta” é uma expressão bastante conhecida no meio musical e utilizada para percepção e criação de frases musicais.

seria apenas instrumental? Não, apenas a primeira versão que foi registrada e posteriormente enviada em uma “sexta-feira santa” ao amigo Vanderlei, com o convite para ele colocar a letra. Ele respondeu prontamente: “que música linda, está muito convidativa para eu escutar o coração e transformar a minha percepção em poesia”.

ESPERANÇAR

ACOUSTIC GUITAR

COMPOSER: LUIZ GOMES

$\text{♩} = 80$

INTRODUÇÃO: ♩ F/G G/A $\text{A7}^{\flat 9}$

6 Dm^9 $\text{Db7}^{\flat 11}$ $\text{Cmaj7}^{\flat 11}$ $\text{A7}^{\flat 9}$

10 Dm^9 $\text{G7}^{\text{add}13}$ Cmaj7 F/G $\text{G7}^{\flat 13}$

14 $\text{♩} = 80$ Dm^9 $\text{G7}^{\text{add}13}$ $\text{Cmaj7}^{\text{add}9}$ $\text{E7}^{\flat 9}$ $\text{A7}^{\flat 13}$

18 Dm^7 $\text{Db}^{\flat 11}$ $\text{C}^{\flat 11}$ $\text{E7}^{\flat 9}$ $\text{C}^{\flat 11}$ $\text{C}^{\flat 11}$ $\text{E}^{\flat 9}$

23 Fmaj7 Fm^7 Cmaj9 $\text{A}^{\flat 5/4}$ $\text{A7}^{\flat 9}$ Dm^9

28 $\text{G7}^{\text{add}13}$ Cmaj9 $\text{C7}^{\text{add}9}$ $\text{C7}^{\flat 9}$ Fmaj7 Fm^7

35 Cmaj9 $\text{A7}^{\flat 13}$ A7 Dm^9 $\text{G7}^{\text{add}13}$ Cmaj9 To CODA

38 F/G $\text{G7}^{\flat 13}$ Fm^7 Cmaj9 Fm^7 Cmaj9

rit. rit. rit.

Em poucos dias eu recebi essa bela poesia:

Esperançar

Introdução

Em todo canto... Esperançar
Em cada canto... Esperançar
Contra todo desencanto...
Esperançar... encanto

Parte A

Depois de tantos desenganos
De tantas mudanças de planos
Conhecer a dor
O cativoiro,
A boca calada,
O sentimento-horror
Noites pálidas
Insônias ao invés de sonhos
Terra arrasada ao invés de flor
Mas uma cálida semente
Floreou
Uma cálida semente em mosaico de amor
Mas uma cálida semente
Floreou
Uma cálida semente em mosaico de amor

Parte B

Depois do cálice amargo
Esperançar em canção
O melhor vinho
O canto pão
Sonhar de olhos abertos ... Esperançar visão
Entoar o hino de quem quer viver feliz ... Esperançar canção
Alegrar a vida ... Esperançar Ser-tão

*Celebrar a festa ... Espalhar benção
O melhor vinho
O canto pão
Finalizar em tom de exortação/convite: Esperançar!*

Depois dessa Bela poesia, composta como proposta de letra da música *Esperançar*, a primeira versão instrumental da canção foi modificada, ou seja, estávamos diante de outra música. Outra, porque a melodia e a harmonia se somaram à poesia. Outro desafio..., agora seria necessário fazer o ajuste métrico da canção.

Avançamos, em uma nova versão, com alterações tanto na harmonia e melodia, como na poesia. Estamos diante de outro instante, do subjetivo e individual para o intersubjetivo e dialógico. O resultado, apesar de parecido, se alterou. Que bom! Ainda há espaço para modificações ou novas ideias que poderão surgir. Ainda não sabemos..., quem sabe?

Esperançar

(Luiz Roberto Gomes e Vanderlei Barbosa)

*Depois de tantos desenganos
De tantas mudanças de planos
Conhecer a dor, o sentimento de horror
Terra arrasada, vida ferida e total rancor*

***Mas uma cálida semente floreceu
Semente em mosaico de amor
Esperançar, celebrar, a alegria em canção
Um brinde à vida, à amizade e ao amor***

*Em todo canto, em cada canto, desencantos
Esperançar, em cada dia nosso canto
Angústia da vida, em grito e desespero
Vida precária, corpos feridos, o tempo inteiro*

*Mas uma cálida semente floreou
Semente em mosaico de amor
Esperançar, celebrar, a alegria em canção
Um brinde à vida, à amizade e ao amor*

Sempre esperançar...

O que fica dessa experiência, como lição? O compromisso e o desejo de avançarmos, de buscarmos “Ser Mais”, de Esperançarmos o nosso Canto, que pode e deve ser ouvido por todas e todos aqueles que se sensibilizam, ou que podem se sensibilizar com a NOSSA Canção!

*Esperançar, celebrar, a alegria em canção
Um brinde à vida, à amizade e ao amor!*

Acesso à música ESPERANÇAR



<https://wp.me/PaPpjL-Vp>

Considerações finais

Outras lições? Talvez

Sem notar o caos
Floresceu a sakurá⁴⁰
Kampai,⁴¹ Hanami!⁴²
(Dalva Lobo)

A suspensão temporária de atividades antes corriqueiras, confirmou a suspeita sobre a gravidade do momento. No lugar da rotina, a incerteza do tempo que viria. Literalmente, o mundo foi obrigado a ficar em casa e a sensação da morte sobre nossas cabeças foi se confirmando aos poucos. Notícias de todo o mundo reverberaram na TV, nos jornais, nas redes sociais. Com as portas fechadas, o mundo agora é visto pelas telas e pelas janelas.

Sinto-me grata porque tenho janelas grandes e uma tela de computador que se abriu diante de mim, certa noite, com um convite muito especial feito pelo amigo Vanderlei Barbosa para “dar asas à imaginação” – palavras dele. A proposta era de tecer a quatro mãos algumas percepções sobre o momento, expressando, também, o

⁴⁰ Sakurá- espécie de cerejeira ornamental japonesa, é comparada à vida considerada tão bela e efêmera quanto a flor que se desprende e cai suavemente da árvore, como as gotas de orvalho caindo da folha.

⁴¹ Kampai: palavra de origem japonesa que significa, entre outras palavras, o verbo “brindar”

⁴² Hanami: palavra de origem japonesa – significa contemplar as flores. No Japão e nas comunidades japonesas do Brasil trata da tradicional **festa da cerejeira**, que ocorre entre março e abril no Japão e entre junho e agosto no Brasil. A florada dura, no máximo, duas semanas.

desejo de continuar mantendo a festividade do encontro durante o período de isolamento.

Seduzida, aceitei o convite de pronto e iniciamos um diálogo sobre as lições que nos ensinam essa quarentena. Sem ingenuidade quanto à dureza desse período, nossas reflexões trouxeram suavidade e leveza, simplesmente porque acreditamos no potencial da prosa poética e apostamos na possibilidade do riso em meio a angústia.

Com o esvaziamento das ruas outros tempos e espaços foram se preenchendo. A descoberta de novos lugares dentro de casa, as visitas mais frequentes ao jardim, o espreitar pela janela a chegada do beija-flor para contemplar como ele, alheio à realidade, suga o néctar das flores, passeando de uma árvore a outra.

Leio os jornais e observo a pandemia também em algumas declarações. Inicialmente fico angustiada com a realidade imposta pelo desconhecido inimigo, porém, refletindo melhor, percebo que avisos já ocorriam; aquecimento global, tsunamis, vendavais, ciclones e queimadas entre outros fatores há décadas prenunciando o presente.

Entendo que a forma como lidamos com as advertências da natureza, algo desavisados, urge ser repensada. Desta vez o tempo é necessariamente o do “agora” – não o agora do sentido do imediato, esse já é nosso conhecido de décadas, mas aquele do *Jetztzeit* benjaminiano⁴³, isto é, do tempo em que o passado se atualiza no presente como alternativa emancipatória e também do tempo que remete ao *Kairós* no qual a poesia

⁴³ O conceito se reporta à Tese XIV da obra “Teses sobre o conceito de História”, de Walter Benjamin, na qual o filósofo compreende que “A história é objeto de uma construção cujo lugar é constituído não por um tempo vazio e homogêneo, mas um tempo preenchido pelo Agora” (2003, p.18)

é a expressão da pluralidade que ultrapassa o tempo *chronos*.

Desse modo, o espírito norteador das breves urgências aqui apresentadas se deu na “perda de tempo” onde encontramos a oportunidade de (re)aprender com a vida inventada a que o isolamento nos convidou.

Assim como um *haikai* contém em três versos a essência de uma filosofia de vida, esperamos que essas breves lições aprendidas e compartilhadas floresçam tal qual o *sakurá* no *Hanami*.

Muitas são as lições, mais ainda os aprendizados possíveis. Esse hiato que nos rouba, temporariamente, o convívio social, ensina um pouco sobre nosso modo de viver em sociedade.

Na verdade, creio que nesse momento, a arte, a filosofia, a política, a economia, a ciência, as tecnologias etc. todos partícipes do epicentro viral cujo núcleo é também borda, são ao mesmo tempo o dentro e o fora.

Não se trata mais do estrangeiro ou da origem; não são mais os chineses, os estadunidenses, brancos, negros, nada disso importa, todos se tornaram epicentro.

A fluidez rompeu as fronteiras democratizando, no ar, o vírus, para toda a humanidade que atônita, procura saídas e respostas. A política e a economia parecem perdidas e tentam frear a natureza com a parca moeda da ganância.

Tolos ignorantes! Antes buscassem na sociedade que desprezam e expropriam de sua dignidade a sabedoria do cotidiano dos ônibus lotados e dos míseros salários.

Antes buscassem a sabedoria dos velhos que descartam com tanta facilidade, dos jovens, a quem julgam inconsequentes, das mulheres, ainda consideradas frágeis.

Enfim, creio que há de vir um tempo em que esses néscios aprenderão o que é realmente essencial com a

arte, com os filósofos, com os poetas e mais ainda, com as crianças.

Nesse tempo um ciclo se cumprirá e, quem sabe, finde a distância entre os homens. Penso que estamos aprendendo muito com essa agônica quarentena; no mínimo, a experimentar novos modos de ser e ver.

O rei está nu e nos pôs todos a nu, também, obrigando-nos a olhar para o mais recôndito de nós. Eis aí talvez, o surgimento do *novum homo sapiens-sapiens*. Enfim, são os ares de março que fechando o verão, trazem a certeza da vida que insiste, resiste, persiste e aprende.

Posfácio

“A Revolução pelo Ócio - lições poético-filosóficas para o século XXI” – Quanta leveza e ponderação! Quanta poesia, seriedade e respeito para com o leitor! Para com o tempo presente, para com as palavras, para com a vida!

Em estado de poesia encontro-me no encontro com literatura e a filosofia, com a sutileza singela da vida em suas nuances e com a rudeza perversa da realidade que ora nos deixa nus. Em estado de poesia me encontro com os autores Vanderlei Barbosa e Dalva Lobo, nesta prosa poética das boas!

Assim, na leitura desta escritura, juntei os temas e as idéias, a reflexão e a ousadia dos autores e, numa espécie de êxtase produzido pela poesia, iniciei a escrita que segue:

Quarentena Poética – tudo começou daí e, então, foi preciso que se desse *a apresentação do cenário* de ontem e de hoje. Ações, decisões, reações...

Neste cenário assustador foi necessário criar uma *Nota de Advertência*: Atenção! Pare! #FiqueEmCasa! A *Visão holística* nunca foi tão urgente sobre a vida, sobre as coisas da vida. Na reflexão do tudo e do nada e, de repente, o *valor do ócio e da fruição* emergiram. Nunca foi tão importante entender o sentido dessas palavras, colocando-os em prática, de modo que o *princípio ético da cooperação* se fez forte e indispensável para a *humanização da vida*.

Assim, *a era planetária* rendeu a tal da globalização, mostrando que a Terra, nossa morada comum, gritava pelos seus confins:

- *Percamos tempo*, percamos tempo... percamos... porque neste caso perder é ganhar! Mas, calma! Tenham

esperança, *haverá primavera*. Sim. Ela sempre surpreende e com perfumes e flores nos convida a *voltar p'ra casa*. Convite mais terno não há, porque a casa não é só matéria: é abrigo que abriga família, amor, temperos, carinho e a boa nova que, *a poesia nos salvará*. Nela, *corona destronada* será nosso anseio iluminista e o núcleo de nossas orações. *O valor da espiritualidade* encontrará lugar e, de forma lúdica e espirituosa, provocará *a revolução pelo ócio*. O tempo que era raro agora tem sabor diferente. Tem seu valor exato.

Desta revolução, o *Ser simples* será o grande ensinamento, e nele imperará *a comunhão de sonhos*, na qual revelaremos e mostraremos a nossa essência e a nossa utopia. *Sobre o amanhã?* Este existirá se nos dermos em *aliança cósmica*, na qual se fundem céu e terra, natureza e humanidade, ciência e religião, arte e física... poesia... filosofia, corpo e alma e Ah (*deus*) *tecnologia!* Somos mais que seres virtuais! Somos seres de alma!

A interioridade do nada bradará por todos os cantos:

- *Cale-se!* Ouça. Encoste seu ouvido no meu peito e ouça...

- *Terra... Terra... mãe Terra...* No seu recôndito e do seu convexo, feito uma concha do mar, ouça: - O que diz teu coração?

- *Ao fim e ao cabo, Gratidão!* Ela diz e você entende: - cuide de mim e eu cuido de você. De vocês! Cuida da vida! Penso então...eu, o outro, a natureza...uma coisa só.

Mudança de época... sim. Assim será. Não sou e não somos mais os mesmos! *Do apocalipse ao gênese...* do começo ao fim, de você e de mim nos constituímos. Somos nada sozinhos, aí... basta puxar da *Memória* o fio e ... de lá virão os cheiros, os afetos, os amores e os sabores que só quem viveu poderá contar. *Outros tempos virão*. Creio nisso. *Outras lições? Talvez.*

Estado de poesia que me fez adormecer num sono profundo, acordar com o cérebro em febre e o coração pulsando pelo efeito das palavras lidas! Tentei adormecer sem êxito. No sono mais leve das noites de quarentena, acordei e me pus em pé as duas da manhã para escrever este Posfácio, que de presente, recebi.

Fiquei um tempo a pensar que o texto já estava completo. De mais nada precisava. Contudo, me vem à carga: esperam de mim, Vanderlei e Dalva, algo que ainda não escreveram. Meio sonolenta, tomo um chá e escrevo o manifesto, que meu coração dita e deseja:

- Que as lições propostas no livro se expandam e se tornem leituras diárias;

- Que a leveza da poesia impressa na profundidade das palavras seja compreendida como signo. Sinais de que a vida no planeta se extinguirá se dele não cuidarmos. Se não pararmos, padeceremos.

- Que a filosofia se revista de vigor na luta pela vida e pelos valores éticos inegociáveis;

- Que sejam convocados os garis, os jardineiros, os cientistas e os educadores para clarear as mentes e orientar a ordem do dia, embelezar e cuidar - cuidar do Planeta, cuidar da vida! A natureza sempre vence!

- Que o ócio roubado do tempo capital pela também invisível virose nos seja criativo, inventivo, produtivo no melhor sentido da palavra e, que a moeda de troca seja - *cuidar da vida!*

Cuidar da vida para que se extinga toda forma de preconceito, misoginia, homofobia, xenofobia e tantas outras formas destrutivas da existência!

Cuidar do feminino tão maltratado pelo machismo – *é inadmissível os índices de feminicídio*. Não cabe nessa ordem! Mulher e homem, natureza humana. Partes do mesmo sistema vivo, igualmente fundamentais para a

manutenção da vida no Planeta, vida protegida,
independente de gênero, etnia, origem, credo, raça e cor...

Cuidar da educação das crianças!

Cuidar das crianças!

Cuidar.

Nelas, a esperança!

Há esperança!

Como nas palavras de Taiguara (...) *“e que as crianças cantem livres sobre os muros e ensinem em sonho ao que não pode amar sem dor” ...*

Cuidar da vida e, claro... não esquecer dos malfeitores deste e de todos os outros tempos que se ocuparam e se ocupam em arquitetar e a produzir o mau. E que este Manifesto triunfe sobre as ruínas da ignorância febril de Filippo Marinetti.

A estes, que venham as faturas!

A carga e a ira da natureza!

Estes não serão perdoados.

Ah! Não!

Com o coração ainda em estado de poesia, minha gratidão aos amigos autores, de carne, alma e osso, por este momento, por este presente, presente!

A vocês, o meu desejo de que *A Revolução pelo Ócio* inspire em todos o desejo de voltar para casa, de Cuidar da vida!

Margarida Montejano



Enquanto os habitantes dos países tropicais curtiam as férias de verão, no final de 2019, o noticiário internacional exibia um vírus na cidade de Wuhan, na China. Agora o planeta quietou. Então podemos ver a profunda interdependência orgânica que existe entre todas as coisas e repensar nossas práticas de vida à luz da ternura franciscana.

Este livro é um mosaico de pequenos ensaios de urgências. É mister juntar os cacos porque não podemos perder o tempo da crise que, na verdade, é uma imensa oportunidade de reinventar a vida. O encontro da tradição monástico-religiosa do autor e dos traços místico- orientais da autora, permeados pela poesia e pelo diálogo com poetas, filósofos, teólogos e outros personagens, foram as bases desta reflexão sobre a necessidade de organizar a vida a partir dela mesma e de suas inusitadas descobertas.

